

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.005



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A SOBERANIA DAS ESCRITURAS: SABEDORIA E DELEITE NO SALMO 119.96-104

The Sovereignty of the Scriptures: Wisdom and Delight in Psalm 119.96-104

Paulo Henrique Pedrão¹

RESUMO

O Salmo 119, um tesouro literário nos Salmos do Antigo Testamento, destaca-se por sua estrutura acróstica e por transmitir profunda devoção à Palavra de Deus. Neste artigo, foram examinados os versículos 96 a 104 deste salmo, enfocando a soberania das Escrituras como fonte de sabedoria e deleite. O salmista expressa profundo respeito à Palavra divina, que vai além da legislação, abraçando a revelação total de Deus. Este salmo é mais que uma reflexão, é um chamado à ação. A autoria é atribuída a Davi, apesar de subtítulos adicionados posteriormente. Foi apontado, também, como as Escrituras são retratadas como fonte de sabedoria. O salmista, por meio de meditação constante, supera inimigos, mestres e anciãos em sabedoria. A busca por sabedoria não é humana, mas guiada por Deus. O deleite nas Escrituras é aprofundado nos versículos 103 e 104. As palavras de Deus são doces e satisfatórias como mel. Este prazer não é apenas intelectual, mas uma experiência emocional que transcende a instrução. O Salmo 119 oferece *insights* profundos sobre a relação entre o indivíduo e a revelação divina. Não é apenas uma obra poética, mas um convite à ação e reflexão sobre a relevância eterna da Palavra de Deus. Este salmo transcende tempo e cultura, revelando verdades espirituais intemporais e princípios transformadores. Além disso, o salmista expressa devoção à Palavra de Deus, destaca sua importância para a sabedoria e revela como ela traz deleite e prazer profundos. O autor deste salmo convida a uma busca ativa pela compreensão e conexão com as verdades eternas presentes na palavra de Deus.

Palavras-chave: Escrituras. Soberania. Sabedoria. Deleite.

¹ Pós-graduando em Teologia Sistemática Contextualizada e Mestrando em Teologia pela FABAPAR. Bacharel em Administração pela FGV/EAESP e em Teologia pela FABAPAR. Email: paulo.pedrao.fgv@gmail.com.

ABSTRACT

Psalm 119, a literary treasure trove of Old Testament Psalms, stands out for its acrostic structure and for conveying deep devotion to the Word of God. In this article, verses 96 to 104 of this psalm will be examined, focusing on the sovereignty of Scripture as a source of wisdom and delight. The psalmist expresses deep respect for the divine Word, which goes beyond legislation, embracing God's total revelation. This psalm is more than a reflection, it is a call to action. Authorship is attributed to David, despite subtitles added later. It will also be pointed out how Scripture is portrayed as a source of wisdom. The psalmist, through constant meditation, overcomes enemies, teachers, and elders in wisdom. The quest for wisdom is not human, but guided by God. The delight in Scripture is deepened in verses 103 and 104. God's words are sweet and satisfying like honey. This pleasure is not just an intellectual, but an emotional experience that transcends instruction. Psalm 119 offers profound insights into the relationship between the individual and divine revelation. It is not just a poetic work, but an invitation to action and reflection on the eternal relevance of the Word of God. This psalm transcends time and culture, revealing timeless spiritual truths and life-changing principles. Furthermore, the psalmist expresses devotion to God's Word, highlights its importance for wisdom, and reveals how it brings deep delight and pleasure. This psalm invites an active search for understanding and connection with the eternal truths present in the word of God.

Key-words: Scriptures. Sovereignty. Wisdom. Treat.

INTRODUÇÃO

O Salmo 119 ocupa um lugar singular no Saltério, tanto por sua extensão quanto por sua elaborada estrutura literária e profundidade teológica. Reconhecido como o mais longo dos salmos e organizado de forma acróstica a partir das vinte e duas letras do alfabeto hebraico, esse poema não se limita a exaltar a lei de Deus como um conjunto normativo, mas celebra a revelação divina como fonte de vida, sabedoria, direção e prazer espiritual. Ao longo de suas estrofes, o salmista expressa uma relação profundamente pessoal e existencial com a Palavra do Senhor, revelando como ela molda sua fé, sustenta sua esperança e orienta sua conduta em meio a um contexto frequentemente adverso.

Dentro desse amplo e rico panorama, os versículos 96 a 104 constituem uma unidade temática particularmente expressiva, na qual se articulam três dimensões centrais da teologia do salmo: a soberania das Escrituras, sua função como fonte de sabedoria e o deleite que elas proporcionam àquele que nelas medita e as guarda. Nessa seção, a Palavra de Deus é apresentada como perfeita e ilimitada em contraste com a finitude de todas as realizações humanas; como instrumento pedagógico divino que concede discernimento superior ao do inimigo, dos mestres e da experiência acumulada; e como realidade prazerosa, comparável ao mel, capaz de satisfazer plenamente a alma.

O objetivo deste artigo é analisar exegeticamente o Salmo 119.96–104, destacando como o salmista compreende e experimenta a soberania das Escrituras em sua vida concreta. Busca-se demonstrar que, para o autor do salmo, a Palavra de Deus não é apenas normativa ou informativa, mas formativa e transformadora, exercendo autoridade sobre o pensar, o agir e o sentir do fiel. A partir dessa perspectiva, o texto explora como o compromisso com a

revelação divina conduz à verdadeira sabedoria e culmina em deleite espiritual, evidenciando uma espiritualidade que integra obediência, discernimento e prazer na comunhão com Deus.

Metodologicamente, será adotado uma abordagem exegético-teológica, dialogando com comentários clássicos e contemporâneos do Antigo Testamento, especialmente no campo da literatura sapiencial e poética. Autores como Kidner, Carson, Schökel e Carniti oferecem subsídios para a compreensão literária, teológica e pastoral do texto, permitindo uma leitura que respeita tanto sua forma poética quanto sua intenção teológica.

Ao analisar essa perícope do Salmo 119, o autor do artigo propõe que a relação do cristão com as Escrituras, conforme apresentada pelo salmista, ultrapassa a mera observância religiosa e se configura como um caminho de vida. A Palavra soberana de Deus instrui, sustenta, orienta e deleita, convidando o leitor contemporâneo a redescobrir sua relevância permanente como meio de sabedoria e alegria espiritual.

1. O SALMO 119

Neste tópico será trabalhado algumas das particularidades e características do salmo 119 que o tornam tão especial. Em primeiro lugar, é um salmo acróstico, ou seja, é um salmo “nos quais cada linha ou cada segunda linha começa com letras hebraicas sucessivas, pois o poeta as encabeçou com essas letras, buscando traçar um efeito de estilo”.² A palavra acróstico deriva-se do grego *akros*, “ponta” mais *stixos*, “linha de um versículo”.

Cada uma das estrofes utiliza uma letra do alfabeto hebraico em sua apresentação, respectivamente, até que todas as vinte e duas letras do alfabeto sejam utilizadas.³ Em algumas línguas, como a portuguesa, por exemplo, tal feito é impossível de se realizar por causa de letras como o y ou o w. Carson refere-se a este salmo como “o maior exemplo da arte do salmo alfabético”.⁴ Schökel e Carniti destacam a perícia artesanal do autor, o que traz a reflexão que o salmista não simplesmente colocou palavras em sequência lógica, mas, tal qual o artesão, “esculpiu”, por assim dizer, uma obra literária.⁵

Em segundo lugar, é um salmo que em o autor deseja expressar toda sua admiração, amor sobre a palavra de Deus e o quanto ela é maravilhosa em diversos aspectos. “Essa proeza artística é um monumento literário erguido em honra à revelação que Deus fez da sua palavra a Israel”.⁶ Ele ainda destaca que o autor deste salmo não trabalha a lei apenas como uma referência à legislação ou ao Pentateuco, mas, de forma abrangente, inclui tudo o que Deus revelou acerca do seu caráter e propósitos, bem como o que ele queria que o homem fosse e fizesse. “A Torá é vista aqui não como um fardo, mas um meio de contato direto com Deus e uma demonstração da sua graça e orientação”.⁷ Este salmo é distinguido por seu extraordinário tributo à lei de Deus.

² CHAMPLIN, 2000, p. 2152.

³ CHAMPLIN, 2000, p. 2431.

⁴ CARSON, 2009, p. 855.

⁵ SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1432.

⁶ BRUCE, 2012, p. 615.

⁷ BRUCE, 2012, p. 615.

Esse salmo, na verdade, não é sobre o *assunto* de colocar as Escrituras na sua vida. E certamente não é uma meditação, uma contemplação mental de um assunto. Pelo contrário, ouvimos secretamente as *palavras sinceras* que saem com ímpeto quando o que Deus diz penetra o coração. Ouvimos alguém falando ao Deus que fala, alguém que precisa do Deus que fala, alguém que ama o Deus que fala. Não se trata de expressar um pensamento sobre um assunto; é partir para a ação. Não é uma exortação ao estudo da Bíblia; é um grito de fé.⁸

Em terceiro lugar, é digno de nota que os subtítulos dos salmos não faziam parte dos documentos originais, mas foram adicionados pelos editores, muito tempo após a composição original. Esses subtítulos tentam identificar os autores envolvidos e ligam certos salmos a circunstâncias históricas conhecidas do Antigo Testamento. A maioria dos informes dos subtítulos consiste em conjecturas. Os subtítulos atribuem cerca de metade dos salmos a Davi.⁹

Em quarto lugar, possui a exaltação à lei de Deus como tema¹⁰ e é classificado como salmos de sabedoria.¹¹ Em quinto lugar, em seu prolongado tributo à lei, para evitar a repetição da palavra “lei” o autor empregou grande número de sinônimos, como: prescrições, caminhos, mandamentos, preceitos, juízos, palavra, promessa, ordens, dentre outras palavras usadas pelas diversas versões bíblicas.¹²

Carson afirma que o autor usou nove palavras principais¹³, também usadas por Kidner¹⁴, que podem ser categorizadas em cinco grupos. Em primeiro lugar, a palavra gerada pela fala divina. O autor destaca as palavras hebraicas *dābār* e *‘imrāh*. Assim, a palavra seria o que o próprio Deus falou. Em segundo lugar, palavras que expressam o pensamento de Deus: *mishpāt*, que vem do verbo “dar sentença”; e *‘ēdāh* e *‘ēdut*, do verbo “dar testemunho”.

Em seguida, Carson aponta um terceiro grupo, que aponta para o fato que a importância permanente da palavra de Deus é expressa por meio de decretos: *hōq*, derivada do verbo “gravar, “entalhar”, indicando algo gravado para a perpetuidade. Em quarto lugar, temos a *torāh*, lei, a qual embora seja usada para expressar imposição com base em autoridade, fundamentalmente ela significa “ensino” e é especificamente a instrução que um pai dá a um filho.¹⁵

O último grupo aponta para a aplicabilidade prática da palavra de Deus: *mitswāh*, que são os mandamentos e referem-se a “fazer o que lhe é ordenado”; *piqqud*, que sugere a aplicação da palavra de Deus às mínimas coisas da vida; e *derek*, “estilo de vida”. Em sexto lugar, ao examinar o conteúdo do salmo, Kidner aponta para o “mundo hostil” e a “luta pela sobrevivência” como características que marcavam a realidade em que o autor estava

⁸ POWLISON, 1999, p. 15.

⁹ CHAMPLIN, 2000, p. 2069.

¹⁰ CHAMPLIN, 2000, p. 255.

¹¹ CHAMPLIN, 2000, p. 2061.

¹² CHAMPLIN, 2000, p. 2431.

¹³ CARSON, 2009, p. 855-856.

¹⁴ KIDNER, 1984, p. 430-431.

¹⁵ CARSON, 2009, p. 856.

inserido.¹⁶ O autor deste salmo também celebra a realidade fundamental de que, independentemente da forma em que ela existia, a palavra de Deus é fundamental para a vida do seu povo.¹⁷ Bruce destaca duas realidades presentes neste salmo: de um lado, é um hino de louvor à revelação de Deus e, por outro lado, é uma oração que expressa contínua necessidade que o homem tem do cuidado pastoral de Deus.¹⁸

Em sétimo lugar, remetendo ao pastoreio do ponto anterior, “a lei não é um manual de “faça-você-mesmo” que Deus entregou ao homem para que o use da melhor maneira possível”.¹⁹ Os ensinamentos das Sagradas Escrituras respondem às perguntas fundamentais da vida – perguntas tais como quem é Deus, quem somos nós, e por que estamos aqui (Sl 8.3-8; Hb 11.6). Como se responde a estas perguntas, decisivamente forma a maneira na qual vivemos. Ignorá-las é passar a vida alegremente ignorante do que é importante na realidade.²⁰ Weiser trabalha a ideia da palavra e a lei de Deus como o fator determinante da vida inteira, ou seja, é Deus orientando, pastoreando o homem em todas as áreas de sua vida.²¹

2. A SOBERANIA DAS ESCRITURAS – VERSÍCULO 96

Kidner faz uma observação muito interessante a respeito do versículo 96 afirmando que ele serviria muito bem como um “resumo de Eclesiastes”, no qual todo o empreendimento humano tem seu dia e depois vem a ser nada, e onde “é somente em Deus e nos Seus mandamentos que passam para além destes limites frustradores”.²²

Não é fácil lidar com os desafios, os limites, as imperfeições e as circunstâncias desafiadoras da vida. Grandes personagens bíblicos como Moisés, Elias, Jó e Jonas precisaram lidar com o sofrimento, com situações que aparentemente eram impossíveis de serem lidadas. Gonçalves argumenta esperançosamente para que “não esqueçamos nunca que a impossibilidade do homem é a oportunidade de nosso Deus”.²³ Há, nesta estrofe em que o versículo 96 está inserido, expressões de profunda confiança em Deus, mesmo através de duras provas. Expressões que edificarão a fé dos cristãos.

A Bíblia é revelação divina, não resultado de investigação humana. Sua origem não é terrena, mas celestial; sua origem está em Deus, não no homem.²⁴ O apóstolo Paulo escreve: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3.16). O apóstolo Pedro afirma, com o mesmo propósito: “porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21). Davi declarou: “O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua” (2Sm 23.2).

¹⁶ KIDNER, 1984, p. 435.

¹⁷ CARSON, 2009, p. 855.

¹⁸ BRUCE, 2012, p. 615.

¹⁹ BRUCE, 2012, p. 615).

²⁰ BOWMAN, 2000, p. 180.

²¹ WEISER, 1893, p. 576.

²² KIDNER, 1984, p. 439.

²³ GONÇALVES, 2010, p. 249.

²⁴ LOPES, 2010, p. 72.

A Bíblia foi o único livro citado por Jesus, não para produzir uma discussão, mas para resolver todas as questões. (Mt 4.4-10; 19.4-6-9; 22.29). Jesus também disse que a Palavra de Deus é a verdade (Jo 17.17). Ao referir-se ao Antigo Testamento, Jesus afirmou: “Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um ‘i’ ou um ‘til’ jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra” (Mt 5.18). A palavra de Deus permanece eternamente (Is 40.8) e não pode falhar (Jo 10.35).

Assim, é importante destacar que a principal preocupação do salmista foi demonstrar que a lei de Deus é perfeita.²⁵ Carson trabalha a ideia da “palavra sem fim”, argumentando que ela dá durabilidade à pessoa que tem prazer nela levando-a, naturalmente, ao compromisso, pois a palavra que a guardou da morte traz também renovação.²⁶

Essa noção de compromisso é duplamente importante: em primeiro lugar, porque não é qualquer pessoa que se enquadra como compromissado. No evangelho de João (14.21), Jesus afirmou que “aquele que tem os meus mandamentos e obedece a eles, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e Eu também o amarei e me revelarei a ele”. Dito de outra forma, “só o crente é obediente, e só o obediente é que crê”.²⁷

Em segundo lugar, essa noção de compromisso é importante para compreender não apenas o que o salmista está escrevendo, mas as implicações desse compromisso àquele que se compromete com Deus, duas das quais, além do que já foi exposto, serão abordadas nos tópicos que se seguem: as Escrituras como fonte de sabedoria e deleite.

3. AS ESCRITURAS COMO FONTE DE SABEDORIA – VERSÍCULOS 97-102

Os versículos 97 a 102 deste salmo em particular capturam a profunda reverência e devoção do salmista em relação às Escrituras, enfatizando como elas se tornam uma fonte inesgotável de sabedoria. Carson destaca que a palavra dá sabedoria àquele que deleita nela justamente por ela ser “a voz educadora do próprio Senhor”.²⁸ Sob uma outra perspectiva, Schökel e Carniti apontam para uma arte de “combinar meditação com observância para adquirir saber teórico e prático”.²⁹

Prudência e entendimento que ganha aquele que vive de acordo com os princípios do Senhor. “Muitas vezes, nossas vidas estão atribuladas e cheias de percalços, porque não temos meditado na Palavra de Deus e retirado dela as bênçãos do comedimento, da prudência, do bom senso para o nosso viver”.³⁰

No verso 97, o autor inicia com a declaração: “Oh, quanto amo a tua lei! É a minha meditação o dia todo”. Aqui, o salmista expressa seu amor e afinidade pela lei de Deus, que é entendida como as Escrituras. A meditação contínua nela é vista como uma prática essencial para aprofundar a compreensão da vontade divina e cultivar a sabedoria. A repetição da

²⁵ CHAMPLIN, 2000, p. 2447.

²⁶ CARSON, 2009, p. 860.

²⁷ BONHOEFFER, 2004, p. 25.

²⁸ CARSON, 2009, p. 861.

²⁹ SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1442.

³⁰ GONÇALVES, 2010, p. 249.

palavra “dia todo” ressalta o compromisso constante do salmista em se envolver com as Escrituras como uma fonte vital de orientação.

No verso 98, o salmista afirma: “Teus mandamentos me fazem mais sábio que os meus inimigos; pois estão sempre comigo”. Aqui, a sabedoria é considerada uma arma espiritual que confere vantagem sobre os adversários. A presença constante dos mandamentos de Deus é vista como um diferencial que permite ao salmista enfrentar os desafios com discernimento e clareza.

No verso 99, o autor prossegue: “Tenho mais entendimento do que todos os meus mestres, pois medito nos teus testemunhos”. Novamente, a ênfase na meditação na Palavra de Deus é enfatizada como a chave para adquirir um entendimento que transcende até mesmo a sabedoria dos instrutores humanos. Isso destaca a superioridade da sabedoria divina sobre o conhecimento mundano.

No verso 100, o salmista declara: “Sou mais prudente do que os velhos, porque guardo os teus preceitos”. Aqui, a sabedoria que emana das Escrituras é colocada acima da experiência e da idade. A prática dos preceitos divinos é vista como o caminho para adquirir uma perspicácia que supera a sabedoria acumulada ao longo dos anos.

Champlin destaca não apenas o quanto o salmista superava seus inimigos em sabedoria espiritual, mas que a sabedoria era sua companheira constante, sempre ocupando sua mente, contemplada e empregada em sua vida. Assim, essa postura o fez meditar nas Escrituras até mesmo mais que seus mestres tornando-o mais sábio que eles.³¹

A afirmação de que superava os idosos, que eram altamente respeitados naquela época, era bastante ousada. “O poeta que o compôs era o *fanático* número um, o *estudante* número um, e o *pensador* número um sobre a lei”.³² No último verso da passagem, o versículo 102, o salmista declara: “Não me aparto dos teus juízos, pois tu me ensinas”. O compromisso contínuo com os juízos de Deus é apresentado como um testemunho do desejo de aprender e da busca pela sabedoria. A palavra *tu* é enfática, pois aponta para aquele que garante a verdade da Bíblia, e o único que pode abrir os olhos dos discípulos para vê-la.³³ Assim, Deus é reconhecido como o instrutor supremo, aquele que ilumina o caminho da sabedoria através de Seus ensinamentos.

Nos versículos 97 a 102 do Salmo 119, o autor enfatiza a profunda ligação entre as Escrituras e a sabedoria. O salmista expressa um amor ardente pela Palavra de Deus, destacando a prática constante da meditação nas Escrituras como um meio de adquirir discernimento, superar adversidades e adquirir um entendimento superior. A sabedoria adquirida das Escrituras é considerada mais valiosa do que a sabedoria dos inimigos, instrutores humanos ou a simples experiência da idade. Portanto, essa passagem serve como um testemunho inspirador da busca contínua pela sabedoria divina através da imersão nas Escrituras.

³¹ CHAMPLIN, 2000, p. 2447.

³² CHAMPLIN, 2000, p. 2448.

³³ KIDNER, 1984, p. 439.

4. O DELEITE DAS ESCRITURAS – VERSÍCULOS 103-104

Nos versículos 103 e 104, o salmista demonstra como as Escrituras não apenas servem como guia e instrução, mas também como uma fonte de deleite e prazer. Carson argumenta que a palavra é deliciosa, intrinsecamente prazerosa justamente por ser reconhecidamente de Deus, ou seja, de autoria divina do próprio Deus.³⁴ “O salmo 119 vem cheio de sabor e prazer: uma alegria firmemente segura, um senso de direção perspicaz, um deleite completo”.³⁵

No verso 103, o salmista proclama: “Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca”. Esta metáfora sensorial ilustra vividamente a intensidade da alegria e do prazer que as palavras de Deus proporcionam. O uso da palavra “doce” sugere uma experiência sensorial agradável, enquanto a comparação com o mel evoca uma sensação de satisfação profunda. Aqui, as Escrituras são representadas não apenas como fonte de conhecimento, mas como algo que traz contentamento e regozijo à alma.

É mais doce que o mel e melhor que o dinheiro. É o prazer do autor e o motivo do seu desejo. Evoca o seu louvor e o seu amor. Não é de admirar que ele reflita sobre ela e a leve a sério. Mas por ele mesmo não consegue penetrar na profundidade do seu significado e escopo, e, assim, ora por compreensão e pela capacidade de aplicar os seus desafios à vida diária. Porque ele dá tanto valor à Palavra, se volta para aquele que a deu, apelando na hora da sua dificuldade ao seu caráter e às promessas ali expressas.³⁶

No verso 104, o salmista prossegue: “Por meio dos teus preceitos alcancei entendimento; por isso, odeio todo falso caminho”. Este verso ressalta a correlação entre o entendimento proporcionado pelos preceitos divinos e a rejeição de caminhos falsos e enganosos. O prazer derivado das Escrituras está intrinsecamente ligado à sabedoria e discernimento que elas conferem. O salmista não apenas encontra alegria nas palavras de Deus, mas também usa essa compreensão para discernir entre a verdade e a falsidade, reforçando assim a importância da Palavra como uma fonte de orientação confiável. A lei era algo bom na boca do homem, e ele continuava a prová-la e aprovar suas qualidades.³⁷

A passagem em questão sublinha como as Escrituras desempenham um papel multifacetado na vida espiritual do salmista. Além de servirem como um guia moral e espiritual, as palavras de Deus se tornam uma fonte de prazer sensorial e intelectual. A linguagem poética destes versículos reflete a profunda conexão emocional entre o salmista e as Escrituras, destacando como elas nutrem e satisfazem sua alma. Kidner argumenta que a atração daquilo que é verdadeiro e a repugnância por aquilo que é falso são gostos adquiridos, no caso, por meio do compromisso com Deus e sua preciosa palavra.³⁸

Assim, nos versículos 103 e 104 do Salmo 119, o autor retrata as Escrituras como uma fonte de deleite e prazer, comparáveis ao sabor do mel. O salmista reconhece o valor intrínseco das palavras de Deus não apenas como um meio de instrução, mas como algo que

³⁴ CARSON, 2009, p. 861.

³⁵ POWLISON, 1999, p. 27.

³⁶ BRUCE, 2012, p. 615.

³⁷ CHAMPLIN, 2000, p. 2448.

³⁸ KIDNER, 1984, p. 439.

traz alegria, satisfação e entendimento. Essa passagem ressalta a riqueza da experiência espiritual que a Palavra de Deus pode proporcionar, convidando os leitores a apreciarem a profundidade da conexão entre a alma humana e a divina revelação contida nas Escrituras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Salmo 119 emerge como uma escrita singular dentro do cânone dos Salmos, exibindo características especiais que o destacam como uma obra de profunda devoção e reverência à Palavra de Deus. A estrutura acróstica, marcada pela utilização sequencial das letras do alfabeto hebraico, reflete não apenas a habilidade artística do autor, mas também a intenção de enaltecer a revelação divina. Este salmo, portanto, se destaca como um monumento literário erigido em honra à Palavra que Deus deu a Israel, e sua estrutura reflete a perspicácia artística do autor.

Ao examinar a essência do Salmo 119, surge a clara intenção do salmista de exaltar a lei de Deus, transcendendo a mera legislação para englobar todo o caráter e propósito divinos. Esta lei é vista não como um fardo, mas como um meio de contato direto com Deus e uma manifestação de Sua graça e orientação. O salmo não é apenas uma reflexão intelectual, mas uma declaração de fé ativa, um chamado à ação.

A soberania das Escrituras emerge como um tema central, ampliando-se além do mero código legal para incluir a revelação completa do caráter divino e Sua orientação para a humanidade. As Palavras de Deus são afirmadas como imutáveis, infalíveis e eternas, diferenciando-se de todas as outras expressões humanas. A compreensão da autoria divina das Escrituras é fundamental para aprofundar a ligação com Deus e perceber a influência transformadora da Palavra em todas as esferas da vida.

A conexão entre as Escrituras e a sabedoria é proeminentemente evidenciada nos versículos 97 a 102. O salmista não apenas aprecia a Palavra de Deus, mas reconhece seu poder de conceder entendimento, prudência e discernimento. A meditação constante nas Escrituras não apenas o coloca em vantagem sobre os adversários, mas também o eleva acima dos mestres e dos anos de experiência. A busca por sabedoria não é um empreendimento puramente humano, mas uma jornada de aprendizado sob a orientação divina.

O prazer e o deleite que as Escrituras proporcionam também são amplamente explorados nos versículos 103 e 104. As palavras de Deus são retratadas como algo doce e mais satisfatório que o mel. A alegria proveniente das Escrituras transcende a mera instrução e se conecta emocionalmente à alma do salmista. Este prazer não se limita a uma contemplação mental, mas se manifesta na ação e na busca constante por entender e aplicar os princípios divinos na vida diária.

Dessa forma, o Salmo 119 é uma obra singular que ressalta a autoridade, a soberania e a preciosidade das Escrituras. Ele encapsula a interação entre o crente e a Palavra de Deus, destacando sua importância como fonte de sabedoria e deleite. É possível perceber uma sequência elaborada pelo autor: a meditação constante (v. 96) transforma-se em obediência (v. 100), o poder da palavra para mudar nossa vida. Obediência (v. 101) nascida do reconhecimento da divina autoridade da palavra (v. 102) transforma-se em prazer (v. 103).

Ao examinar as particularidades deste salmo, somos lembrados da necessidade de cultivar um relacionamento ativo com a Palavra de Deus, reconhecendo-a como um meio de conhecer a Deus mais profundamente, adquirir sabedoria e encontrar alegria duradoura. Portanto, este salmo não é apenas uma reflexão poética, mas um chamado à ação e ao compromisso com a Palavra de Deus, que permanece inabalável e eterna.

REFERÊNCIAS

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BOWMNAN, Robert M. Jr. Um guia bíblico sobre ortodoxia e heresia parte I. **Defesa da Fé**, v., n. Especial, p. 180-183, 2000.

BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamentos. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012.

CARSON, D. A.; et al. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo. Volume 4. São Paulo: Candeia, 2000.

GONÇALVES, Almir dos Santos. **O livro dos Salmos**: comentários salmo a salmo. Rio de Janeiro: JUERP, 2010.

KIDNER, Derek. **Salmos 73 – 150**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

LOPES, H. D. **Pregação expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2010.

POWLISON, David A. Sofrimento e o Salmo 119. **Coletâneas de aconselhamento bíblico**, Atibaia: SBPV, v.8, p. 12-31, 1999.

SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos II**: salmos 73-150. São Paulo: Paulus, 1998.

WEISER, Artur. **Os salmos**. São Paulo: Paulus, 1994.